

Colecionador de Borboletas: reflexões sobre a sociologia e a experiência na sociedade contemporânea

Vanessa Moreira Sígolo¹

Resumo

O objetivo desse artigo é refletir sobre os debates e concepções da chamada teoria crítica a respeito do conhecimento sociológico, especialmente a partir do pensamento e de formulações de Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Walter Benjamin. Busca-se nessa reflexão investigar elementos sobre o papel do sociólogo e as possibilidades de sua experiência na atualidade. Para isso, centra-se nas concepções a respeito da dialética e da experiência, e seus desdobramentos para uma reflexão sobre o sentido da sociologia na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Teoria Crítica; Sociologia Contemporânea; Experiência e Dialética.

Abstract

The aim of this paper is to analyze the debates and conceptions of the critical theory about the sociological knowledge, especially based on the thoughts and formulations of Theodor Adorno, Herbert Marcuse and Walter Benjamin. The intension is to investigate elements that discuss the role of the sociologist and the possibilities of your experience nowadays. To do so, the article focuses on the conceptions of dialectics and experience, and its implications for a reflection about the meaning of sociology in contemporary society.

Keywords: Critical Theory; Contemporary Sociology; Experience and Dialectic.

¹ Socióloga. Doutoranda em sociologia na Universidade de São Paulo (USP); mestre pelo Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina da USP; pesquisadora do Núcleo de Economia Solidária (NESOL/USP) e atual secretária-executiva da Plataforma Faces do Brasil.

Introdução

O objetivo desse artigo é refletir sobre os debates e concepções da chamada teoria crítica a respeito do conhecimento sociológico, especialmente a partir do pensamento e de formulações de Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Walter Benjamin. Busca-se nessa reflexão investigar elementos sobre o papel do sociólogo e as possibilidades de sua experiência na sociedade contemporânea.

Cabe destacar que esse artigo buscou aprofundar alguns questionamentos e indagações teórico-metodológicas geradas ao longo do desenvolvimento inicial de minha pesquisa de doutorado em sociologia, que problematiza a relação entre Estado e sociedade na democracia contemporânea, e analisa a experiência e cultura de participação política na América Latina atual. Todavia, é importante apontar que este é um trabalho em andamento, que apresenta algumas reflexões atuais, vivas, e por isso, em movimento.

Como aponta Gabriel Cohn (2008) na “Apresentação” do livro que contém o registro do último curso ministrado por Adorno, em 1968: *Introdução à Sociologia*, para esse autor, e também para a escola que ele representa, a chamada “Escola de Frankfurt”, o interesse mais profundo da sociologia “está voltado para questões essenciais em uma acepção muito precisa. Trata-se daquelas [questões] dotadas de ‘significado essencial para a sobrevivência e para a liberdade da espécie humana’” (COHN, 2008, p. 25).

É interessante enfatizar, conforme revela Cohn, que Adorno incorpora uma qualificação fundamental à sobrevivência: “a exigência básica da liberdade”, que permite converter “a mera vida em vida digna de ser vivida”. Somando essa qualificação, o autor situa “a ideia da espécie humana (e da sociedade enquanto associação livre de homens livres) como meta prática última do conhecimento social” (COHN, 2008, p. 25).

Por essa orientação, a teoria crítica buscou se debruçar sobre a sociedade contemporânea e seus desafios, e desenvolver uma teoria do conhecimento e da sociedade, que, inspirada na obra de Karl Marx e em suas raízes hegelianas, construiu uma visão crítica à racionalidade técnica e instrumental, identificada por seus pensadores tanto no positivismo como no stalinismo. Diversamente a estas correntes, a teoria crítica defende a razão abrangente e humanística, posta a serviço da liberdade dos homens, que a “dialética do esclarecimento” busca alcançar. Propõe, com isso, a recomposição da ideia de dialética, como base para uma sociologia crítica, que recoloca a teoria em tensão com o mundo presente.

Esse artigo, dentre a diversidade de questões, temas e abordagens possíveis de serem investigadas na teoria crítica, centra-se nas concepções a respeito da dialética e da experiência, e seus desdobramentos para uma reflexão sobre o papel da sociologia na sociedade contemporânea.

A reconstrução da dialética

O pensamento dialético, para a teoria crítica, é a base para a articulação entre a abstração conceitual e os sujeitos reais, ou seja, uma possibilidade de enfrentar a dualidade entre estrutura e ação, presente no centro do debate sociológico, em suas diferentes vertentes. Enfrentando essa dualidade, seus autores buscam criar em suas teorias caminhos para a produção de um pensamento que reconhece, de um lado, a dominação que impossibilita a constituição plena de sujeitos, e de outro, a necessidade da referência aos sujeitos para o conhecimento sobre a sociedade. Nesse embate, pelo movimento dialético, desenvolve-se a tensa e inseparável relação entre sociedade e indivíduo.

A dialética é um tema fundamental para se compreender os elementos trazidos pela teoria crítica ao debate sociológico contemporâneo. Sobre o tema, Marcuse, em seu texto “Sobre o conceito de negação na dialética”, de 1966, ressalta a importância de se reconhecer a “imobilização da dialética da negatividade” no período atual, e propõe um contraponto à crítica que aponta os limites da teoria marxista para a interpretação da sociedade contemporânea. Segundo ele “defrontamo-nos com novas formas do capitalismo maduro e, portanto, com a tarefa de desenvolver o conceito de dialética, adaptado a essas novas formas” (MARCUSE, 1972, p. 160).

Os autores da teoria crítica justificam a defesa da construção dialética do conhecimento no fato de que a própria realidade é dialética, constituída por relações contraditórias. Como reforça Adorno, em uma de suas aulas, “[...] a sociedade em que vivemos – e, salvo se negamos sua existência como o fazem alguns sociólogos, a sociedade constitui o objeto da Sociologia – é essencialmente contraditória em si mesma” (ADORNO, 2008, p. 53).

Por essa perspectiva, se contrapondo ao que denominam de teoria tradicional, os teóricos da Escola de Frankfurt reconhecem que a realidade empírica não deve ser meramente descrita, pois isto não seria suficiente para a sua compreensão. Pela dialética, aborda-se a sociedade como totalidade, reconhecendo suas diferentes dimensões. Nesse sentido, a teoria dialética não define *a priori* uma trajetória para a história, mas busca expor as orientações das possibilidades de transformação que cada época é portadora, reconhecendo que a formulação das questões e o sentido para o qual se orientam as respostas podem dar provas da atividade humana e de seu poder na história.

Marcuse (1972) ressalta que a teoria crítica tem como principal dificuldade a identificação das forças negativas, que sustentam potencialidades transformadoras, desenvolvidas no seio do sistema antagonico vigente no capitalismo atual. Isto porque Marcuse reconhece que há forças de integração e coesão social que são

forças sociais suficientemente poderosas e materiais para neutralizar as contradições durante todo um período, para suspender as forças negativas, destruidoras, ou mesmo transformá-las em forças positivas, que reproduzem o existente ao invés de destruí-lo (MARCUSE, 1972, p. 163).

Diante dessas forças de reprodução do *status quo*, buscando resgatar a ideia perdida de revolução, Marcuse enfatiza que o pensamento dialético atualmente “se encontra diante da tarefa de elaborar teoricamente esta situação essencialmente nova, sem reduzi-la simplesmente aos conceitos herdados” (MARCUSE, 1972, p. 164), e de reconhecer novas necessidades, reprimidas na sociedade antagonica. Novas necessidades que surgem, afirmando objetivos e valores, que expressem

uma relação radicalmente modificada entre homens e em um meio ambiente social e natural radicalmente distinto: solidariedade ao invés da luta de concorrência; sensorialidade ao invés de repressão; desaparecimento da brutalidade, da vulgaridade e de sua linguagem; a paz como situação duradoura (MARCUSE, 1972, p. 165).

Desafios propostos pela teoria crítica para a sociologia

Uma das características de uma teoria dialética – e a teoria da sociedade cujos fragmentos estou apresentando é dialética – é que, de acordo com Hegel, não se pode resumi-la em uma “frase” e somente praticando-a pode-se alcançar o que uma tal teoria ou a Sociologia ela própria é ou deve ser (ADORNO, 2008, p. 71).

Adorno reconhecia um “caráter duplo da sociologia”, de um lado, voltada para um trabalho socialmente útil, e de outro, orientada para a compreensão efetiva do que mantém o nexo do sistema. Analisando o papel do conhecimento sociológico, o autor era bastante crítico, como ressalta Cohn (2008), à exigência de pureza científica da sociologia, e sustentava a visão da inexistência de uma clara separação entre questões empíricas e normativas, e da indissociabilidade entre os problemas sociais e o método para o conhecimento sociológico. Afirmando que a sociologia não é uma construção acabada, Adorno aponta que “a Sociologia não é uma ciência tão unânime como a Medicina ou o Direito, [e isto] não têm sua causa apenas na heterogeneidade de seu objeto, mas em sua natureza específica, isto é, em seu próprio caráter antagônico” (ADORNO, 2008, p. 68).

Nesse sentido, como sintetiza Cohn (2008), a teoria crítica defende que a sociologia, para não se tornar estéril, deve

elaborar de modo consequente e criativo a sua condição de ciência impura, intimamente mesclada a outras. [...] A sociologia recebe, destarte, a incumbência de ousar ser impura sem deixar de ser ela mesma: ciência da sociedade que não hesita em perturbar o severo rigor do método com os ruídos da crítica, do entrelaçamento com outras ciências e das exigências normativas (COHN, 2008, p. 33).

Para a teoria crítica, a sociologia tem o desafio de tematizar o essencial, como ressaltado anteriormente, contudo, como afirma Adorno (2008): “O essencial não pode se identificar com os grandes temas”. Ou seja, na sociologia, segundo a teoria crítica, o essencial deve ser encontrado na atenção ao “miúdo”, ao “aparentemente insignificante”, como explica Cohn (2008), que carregam elementos que podem atingir pontos nevrálgicos da estrutura.

Por caminho semelhante, Benjamin refere-se ao “efêmero”. Como cita Adorno (2008) em uma de suas aulas, pelo pensamento de Benjamin pode-se compreender que: “A ocupação com o efêmero, o imperceptível, e não no sentido da temática oficial já disponibilizada, pressupõe naturalmente que se traga consigo – quase diria, de modo latente – o interesse no essencial e o olhar para o essencial” (ADORNO, 2008, p. 75). Nesse sentido, Adorno preocupava-se com as sociologias específicas e a importância de se manter, mesmo olhando o específico, a atenção ao essencial e às lutas sociais.

Nessa reconstrução dos desafios apresentados pela teoria crítica à sociologia é importante também tratar do conhecido embate travado entre Karl Popper e T. Adorno, acerca do positivismo e da teoria dialética. Tendo como marco um debate ocorrido em 1961, na Sociedade de Sociologia Alemã, inicia-se uma longa discussão teórico-metodológica em torno do método e da racionalidade científica da sociologia. Nesse debate, Popper, sobre a lógica das Ciências Sociais, defende como sua principal tese o chamado “princípio da refutabilidade”, que identifica a objetividade do método científico na possibilidade de teste, validação ou refutação de uma proposição. Com base nessa visão, Popper acusa o marxismo e a psicanálise de serem teorias dogmáticas e pseudocientíficas.

Adorno, por outro lado, a partir da perspectiva da teoria crítica e por seu esforço em desenvolver uma teoria da sociedade que supere a divergência entre pesquisa empírica e pensamento filosófico, afirma que a teoria crítica se diferencia do positivismo pelo fato deste último considerar apenas o fenômeno como relevante, em contraposição à busca por reconhecer as relações dialéticas e as mediações entre a essência e o fenômeno. Para o autor, com o positivismo, pelo seu praticismo, “o empreendimento das ciências sociais corre permanentemente o risco de, por amor à clareza e à exatidão, passar ao largo daquilo que quer conhecer” (ADOR-

NO, 1986, p. 47). Com isso, a aplicação da ciência às situações da realidade, tal como um elemento exterior, que fundamenta o “princípio da refutabilidade”, não serve para a compreensão da sociedade, e orienta-se para a conservação dos sistemas sociais vigentes.

Em contraste, na perspectiva da teoria crítica, o objeto e o sujeito da sociologia não são separados. Nesse sentido, seus procedimentos teórico-metodológicos devem reconhecer o caráter contraditório da sociedade. Adorno também ressalta que o conhecimento social deve se fundamentar na crítica: ao objeto da análise, às hipóteses, aos conceitos, às teorias, ou seja, que a crítica deve permear todo o processo de conhecimento. Para isso, a concepção e a prática dialética da sociologia identificam na história uma parte constitutiva do conhecimento social, que se desenvolve com base em um conceito de pesquisa interdisciplinar, e a partir dele busca reconhecer os conceitos de integração e diferenciação, que movimentam a sociedade.

Esse debate entre Popper e Adorno marca a história da filosofia da ciência e da sociologia do século XX. As tradições que esses pensadores representam continuam se confrontando no presente, com novas feições e versões, constituindo as diferentes perspectivas da teoria sociológica atual. A dualidade presente nesse debate também alimenta novos movimentos teóricos, que buscam superar a dicotomia entre estrutura e agência, e inventar caminhos teórico-metodológicos para integrar as condicionantes estruturais da ação e a dimensão dos sujeitos.

A teoria crítica e o conceito de sociedade

O conceito de sociedade, conforme aponta Adorno (2008), é fundamental para a sociologia. Deve-se a isso sua dedicação à proposição de elementos para a compreensão desse conceito. Segundo o autor, a sociedade, de modo mais geral, é um conceito que designa a relação entre pessoas, e refere-se a uma abstração e também a uma realidade que:

Pode ser detectada – diria: até mesmo na pele – ao deparar com alguns modos de comportamento coletivo dotados com o momento da inacessibilidade verbal, sobretudo incomparavelmente mais fortes do que os indivíduos singulares que manifestam esses modos de comportamento, de maneira que, com um pequeno exagero, pode-se dizer que no sentido de Durkheim a sociedade pode ser sentida onde dói” (ADORNO, 2008, p. 115).

Para a teoria crítica, o conceito de sociedade, como afirma Adorno (2008, p. 119), “deve ser e é por si próprio um conceito dialético”, e com isso, “não é nem mera soma ou aglomeração, ou outro nome que preferirem, entre os indivíduos, nem é algo absolutamente independente frente aos indivíduos, mas sempre contém em si, simultaneamente, ambos estes momentos”. As duas categorias contrapostas: indivíduo, de um lado, e sociedade, de outro, estão presentes em ambos: não há sociedade sem que em seu conceito tenha a mediação dos indivíduos, e vice-versa. Com isso, o conceito de sociedade torna-se dinâmico, e reconhecendo essa dinâmica do conceito, a teoria crítica e seus diferentes pensadores analisam a sociedade contemporânea.

Na construção do conhecimento dialético sobre a sociedade contemporânea, para Adorno: “Uma das tarefas da sociologia é fixar certas determinações essenciais, como as classes, que perduram em um sentido decisivo, a saber, o da dependência da maioria dos homens a processos econômicos anônimos e não transparentes” (ADORNO, 2008, p. 91). Sobre essa compreensão, a teoria crítica busca criar mediações entre fatos e conceitos. Como um exemplo, Adorno defende ser essencial a compreensão de que, na sociedade contemporânea, “o decisivo continua sendo a posição dos homens individuais no processo produtivo, portanto, se

dispõem dos meios de produção ou se estão separados destes” (ADORNO, 2008, p. 88). Para isso, em suas análises, traz novos elementos à busca pela compreensão dos conflitos sociais, que além das contradições entre forças produtivas e relações de produção, devem incluir a investigação das dinâmicas de formação da consciência humana.

Nessa tarefa de construir um conhecimento dialético sobre a sociedade contemporânea, Adorno (2008) ressalta que o conceito de sociedade

[...] mesmo não sendo um fato, é efetivamente real em sua dimensão mais profunda. [...] O não factual, o que não pode ser diretamente convertido em percepção sensorial, não é dotado de um grau menor de realidade efetiva, mas sim maior; isto é, determina a vida das pessoas mais do que os chamados *concreto*, com que nos deparamos de imediato (ADORNO, 2008, p. 140).

Com isso, ele diferencia o que denomina “fenômenos da experiência”. E sobre isso, o autor conclui:

Parece que o mais forte argumento contrário a um ponto de vista positivista da sociedade é que este último, que confere destaque tão grande ao conceito de experiência em suas denominações, como ‘empirismo’ ou ‘empirismo lógico’, justamente limita a experiência (ADORNO, 2008, p. 141).

A sociologia como experiência

Ao analisar concepções da teoria crítica com relação à experiência e à sociologia, nos envolvemos no debate político sobre importantes questões do pensamento e da prática sociológica e científica contemporâneas. A partir de formulações teórico-metodológicas, a teoria crítica apresenta algumas orientações políticas com relação a uma questão fundamental: como os problemas sociais se transformam em problemas sociológicos na teoria contemporânea.

Em um contexto de incredulidade em relação às grandes narrativas e teorias, e de exacerbação de características da modernidade, como o individualismo, o rompimento entre o passado e o presente, a crise da política e do espaço público, como analisa Hannah Arendt. Somam-se novos elementos, que caracterizam a contemporaneidade, como as novas configurações e precarizações no mundo do trabalho e o surgimento de novas relações de tempo e espaço pelo surgimento das novas tecnologias de informação e pela mundialização e financeirização da economia. Ao diagnosticar as limitações do tempo presente, como é possível criar uma experiência na sociologia e enfrentar os dilemas do pensar sociológico na sociedade contemporânea?

Retomando o pensamento de Benjamin e algumas análises em que o autor trata sobre experiência, buscamos elementos para investigar sobre o papel da sociologia. Apesar de a obra de Benjamin ser em grande parte compreendida no campo da filosofia da história, suas formulações trazem importantes reflexões para a investigação sociológica, especialmente no que se refere à cultura e à sociedade. Sua caracterização do que denomina de modernidade apresenta elementos fundamentais para iniciarmos uma reflexão sobre o presente e a possibilidade da experiência na sociedade contemporânea.

Em suas análises, Benjamin afirma que as inovações técnicas e o desenvolvimento urbano produziram metamorfoses na maneira de viver, sentir e perceber: “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (BENJAMIN, 1985, p. 115). Nas grandes metrópoles, vive-se a temporalidade do progresso, o andar apressado, que persegue o tempo do relógio, o tempo quantitativo, marcado pelo ritmo do trabalho mecanizado capitalista. Na multidão, que pulsa no tempo homogeneizador, os compor-

tamentos são reações a choques: “À vivência do choque, sentida pelo transeunte na multidão, corresponde a ‘vivência’ do operário com a máquina” (BENJAMIN, 1989, p. 126).

Esse tempo infernal e veloz, que Benjamin caracteriza como o tempo da vivência (*Erlebnis*) de choques, impossibilita o sujeito construir uma experiência (*Erfahrung*), compartilhar referências simbólicas ou tradições, e apropriar-se de uma imagem de si. Dessa forma, as histórias são silenciadas e perde-se a capacidade de narrar e ouvir. Define Benjamin: o presente é o tempo do esquecimento, que rompe a relação com o passado, com a sua memória e historicidade, nele foi interrompida a transmissão cultural, a passagem do “anel” de geração a geração. E alerta o pensador: “Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano [...] para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’” (BENJAMIN, 1985, p. 119).

Na temporalidade aderida ao eterno presente, a experiência (*Erfahrung*) – tal como um saber compartilhado coletivamente, pautado em uma tradição comum, retomada e ressignificada pela palavra – se torna rara. A espoliação da experiência também destituiu os homens de uma existência integrada à coletividade (BENJAMIN, 1989, p. 130). Como um indivíduo solitário, o homem privado não deixa rastros. As marcas desaparecem no ritmo da produção do novo, da temporalidade efêmera, e rompe-se a relação entre o novo e o antigo. O presente torna-se o tempo da destruição do antigo e da memória.

O novo necessita ser produzido incessantemente, pois imediatamente torna-se obsoleto. Contudo, aponta Benjamin, ele carrega uma falsa aparência de novidade, pois na essência traz o tempo do “eterno retorno do mesmo”, da história da dominação. Esse tempo repetitivo é o tempo do “declínio da aura”, pois no ritmo do movimento das massas, da temporalidade do domínio do capital, tudo se torna mercadoria.

Nesse cenário descrito por Benjamin, pode-se enxergar o processo pelo qual os objetos, as obras de arte e as produções sociológicas e acadêmicas passam a ter existência serial, perdendo a autenticidade e, com isso, sua aura.

O colecionador de borboletas

No contexto do declínio da aura e da experiência, o colecionador, apesar de ser um homem privado, do tempo presente, para Benjamin, é também um resistente, que busca “retirar das coisas o seu caráter de mercadoria”, substituindo o valor de uso pelo valor afetivo. Com isso, o colecionador, no sentido em que analisa o autor, reaviva a “aura” das coisas, ao colecioná-las (BENJAMIN, 1991, p. 38).

O próprio Benjamin foi um colecionador de livros e citações, que considerava como suas “pérolas”. Conforme descreve H. Arendt, ele tinha

[...] pequenos cadernos de notas, com capas pretas, que sempre levava consigo e onde incansavelmente introduzia, sob forma de citação, o que a leitura e a vida diária lhe rendiam como ‘pérolas’ e ‘coral’. Por vezes lia-as alto, mostrava-as como artigos de uma coleção seleta e preciosa (ARENDE, 1987, p. 171).

Além de suas citações, Benjamin criou uma outra coleção, talvez mais preciosa, que deixou para a posteridade, tal uma coleção de borboletas: as imagens que fixou da modernidade. Imagens que revelam traços da cultura, imagens exemplares, “mônadas”, que no instante de um relâmpago aproximam o presente do passado, rompendo com o “tempo vazio e homogêneo” (BENJAMIN, 1985, p. 229). Ao fixar imagens com sua escrita, Benjamin construiu um tipo singular de experiência, possível ao indivíduo moderno. Por meio da narrativa, retomou o fio

do passado, reconstituindo a historicidade do tempo, e construiu uma percepção crítica de seu tempo presente.

O autor, em sua coleção de borboletas, busca encontrar o passado silenciado, não “como ele de fato foi”, pois este passado está irremediavelmente perdido, mas pela construção da experiência que movimenta o “tecido da lembrança” e retoma o fio com o passado. Pela memória, suas imagens da modernidade promovem o entrecruzamento de tempos históricos.

Ao vincular o presente ao passado, não encerrando os acontecimentos em uma única versão, o pensamento dialético dá abertura para infinitas interpretações, realçando, assim, o caráter inacabado do passado. Como um colecionador de imagens da modernidade, Benjamin forjou, no cotidiano da vivência do tempo presente, um espaço para o devaneio, no qual imagens do passado possam irromper, como borboletas voando. Por caminhos incertos da subjetividade, Benjamin constrói a sua experiência. Todavia, para o autor, o encontro e a fixação dessas imagens não seguem o acaso, mas deve se guiar por exigências ético-políticas e por uma preocupação com o agir sobre o real, que escute o apelo do presente por um tempo diferente.

Benjamin, em *Infância em Berlim*, sua narrativa autobiográfica, buscou fixar imagens de sua cidade natal. Todavia, a beleza desse ensaio está na lucidez com que compreende a importância da volta ao passado. O texto é escrito em 1932, ano do quadragésimo aniversário de Benjamin, no contexto de instalação do regime nazista na Alemanha, que leva o autor ao exílio. Fixar imagens de sua cidade natal nesse momento é também uma despedida, pois não enxerga perspectivas de volta, e mesmo que regressasse, Berlim não mais seria a mesma.

Em sua viagem para o passado, Benjamin propõe-se a narrar sua infância em Berlim, como um ritual de transmissão de um patrimônio cultural para a geração seguinte, e dedica o trabalho a seu único filho. Enfrentando um contexto especialmente hostil, sua vida e morte foram tragicamente marcadas pelo nazismo. Exilado em Paris, sua narrativa autobiográfica tem um certo tom de nostalgia, deslocando o sujeito que narra no tempo e no espaço ao encontro de suas memórias de infância. Por meio da escrita, Benjamin busca fixar imagens de Berlim por volta de 1900, tal como um patrimônio cultural que não pode ficar imerso no esquecimento. Frágeis e preciosas imagens da memória da cidade são capturadas e fixadas no papel, antes que fossem destruídas.

As imagens do passado são tesouros arqueológicos. Os textos de *Infância em Berlim* são expedições na profundidade da lembrança, em que o passado lembrado entrecruza o presente que lembra. Sua narrativa é construída em forma de *tableaux*, os quais são imagens que explodem em outras diversas imagens, tal como uma montagem, não linear, com significados infinitos.

Nessa construção, nasce um universo: “Quando o pensamento pára, bruscamente, numa constelação saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada” (BENJAMIN, 1985, p. 231). Uma imagem que condensa e concentra, em um instante, um conjunto de significações. Esse é o “tempo do agora”, intensificado, que se paralisa, configurando imagens, de um tempo lembrado a partir de um apelo do presente. Imagens nas quais são revelados silêncios e sua fixação é o único meio para a construção da experiência e da crítica.

Extrapolando a dimensão do passado autobiográfico, nas imagens de *Infância em Berlim*, a história individual e coletiva está imbricada, formando a matéria da experiência. Se por um lado, a narrativa segue os caminhos incertos da memória, por outro, ocorre também uma ampliação da dimensão social do sujeito, que possibilita a construção de referências culturais, sociais e históricas da época, fundamentais à crítica e à ação social e política.

Os silêncios, os “possíveis” do passado, são acolhidos por Benjamin na construção de uma percepção crítica, que ao dar voz ao passado contribui para a sua libertação, e também do presente. Com certo tom ingênuo, as imagens da infância subvertem os discursos oficiais, revelando os seus silêncios. Aproximam-se de uma percepção infantil, do olhar daquele que descobre o mundo: “As cores irromperam um dia sobre mim, e ainda sinto a doçura com que meu olhar então se saciou” (BENJAMIN, 1994, p. 101).

No exílio, é possível a construção do distanciamento, do estranhamento ao que era familiar, tal como as imagens da viagem construídas por Benjamin em *Partida e regresso*, observando que “também se distanciava de mim o que ainda agora estivera próximo e me abraçara. Nossa casa se apresentava à memória como deformada” (BENJAMIN, 1994, p. 83). Assim, Benjamin, tal como um “apátrida”, retorna a sua cidade natal pela rememoração, capaz de olhar para sua família, sua geração, sua cultura e sua sociedade.

A construção de um refúgio é necessária para o surgimento dessa percepção, de um lugar que permita o estranhamento do habitual e o distanciamento do tempo efêmero e veloz. Na rememoração, o desejo de destruição desse mundo fechado se transforma em energia crítica. Em “O caráter destrutivo” (in: *Imagens do Pensamento*), Benjamin constrói um auto-retrato do crítico. Segundo ele, o crítico necessita de espaço e ar fresco, é jovial e alegre, estando sempre rodeado de pessoas. Adversário do “homem-estojo”, limitado ao eu soberano, o crítico tem consciência do homem histórico. Preocupado com a transmissão da tradição, que permite a construção da experiência, o crítico vê, tal é o caráter infinito do lembrar, caminhos por toda parte (BENJAMIN, 1994, p. 235).

As ruas da cidade tornam-se parceiras do escritor no trabalho de rememoração. Nas ruas de Berlim, a criança, por sua pequenez, percebe na “pálida luz dos respiradouros” ou nas “figuras secundárias das bases das estátuas e das colunas de vitória” a imagem do *outro*. A percepção do infantil constrói imagens, guiada por um olhar que atravessa os limites do modo de vida burguês, e revela a presença subterrânea dos vencidos. O mundo burguês busca afastar os outros, no entanto, a criança os percebe. Em suas imagens, ao mesmo tempo em que fornece um retrato da cultura burguesa, Benjamin faz a ela uma crítica implacável. São inúmeras imagens que retratam a vida burguesa e a identificam com a imagem da dominação. Nessas imagens, explicita-se que para Benjamin, o conflito de classes sociais “é ao mesmo tempo uma experiência sempre viva e uma premissa teórica de toda análise da cultura e da sociedade” (HONNETH, 1999, p. 529).

A construção de uma percepção crítica, pela percepção do infantil, dá-se pela fixação dessas imagens, que revelam os vazios e silêncios da história dos vencedores, da história da dominação. Imagens que escutam o outro, como um avesso do direito. Essas imagens reveladoras captadas por Benjamin, mais do que o avesso, são entrecruzamentos entre este e o direito, construídas por uma perspectiva dialética da sociedade, que possibilitam a construção de um outro saber.

Nesse esforço de interpretação, Benjamin constrói sua coleção e sua experiência: “[...] Era a caixa espaçosa na parede de meu quarto, com os primórdios de uma coleção de borboletas” (BENJAMIN, 1994, p. 80).

Em *Infância em Berlim*, o autor capturou imagens de seu passado, e fixou-as, com “éter, algodão, alfinetes de cabeça colorida e pinças”, para a posteridade. Imagens, somente encontradas por aquele que permite se perder para, então, se encontrar.

As ardorosas caçadas que tão freqüentemente me atraíam dos caminhos bem cuidados do jardim para lugares ermos, onde me defrontava impotente

com a conjuração do vento e dos perfumes, das folhagens e do sol, que possivelmente comandavam o vôo das borboletas (BENJAMIN, 1994, p. 81).

Frágeis imagens, tal o “corpo frágil” de uma borboleta, irrompem das expedições no passado. No entanto, “apesar de tanto estrago, tanta deselegância e violência, a borboleta assustada permanecia trêmula, e, contudo, cheia de graciosidade, numa dobra da rede” (BENJAMIN, 1994, p. 81). Borboletas, como imagens condenadas ao desaparecimento, foram capturadas e fixadas por Benjamin, em um momento de perigo.

Com a rede levantada [...] teria querido dissolver-me em luz e em ar a fim de me aproximar da presa sem ser notado e poder dominá-la (...) era como se sua captura [das borboletas] fosse o único preço pelo qual minha condição de homem pudesse ser reavivada (BENJAMIN, 1994, p. 81).

Ao relacionar o presente com o passado, são reavivadas as tensões entre os tempos históricos. O fio de uma história inacabada pode ser retomado, para que se possa tecer-lhe uma nova continuação. Essa construção abre caminho para o “despertar” no presente de um futuro perdido, busca fazer emergir a experiência, e com ela a esperança por um futuro diferente. Benjamin, em *Infância em Berlim*, guiado por uma exigência ético-política, construiu uma experiência na modernidade.

Adorno, tal como Benjamin, analisa que no mundo em que vivemos raramente é possível atingir uma “experiência genuína”, uma “experiência de algo novo, não previamente existente” (ADORNO, 2008, p. 141). A crise da experiência, segundo esse autor, tem como uma das suas causas o fato de que “mediante o sistema de regras que impõe ao conhecimento, a ciência no fundo não permite tal experiência” (ADORNO, 2008, p. 142).

Frente a isso, para esse autor, a teoria dialética da sociedade justamente busca “restabelecer a experiência obstruída, seja pelo próprio sistema social, seja pelas regras da ciência” (ADORNO, 2008, p. 142). Nesse caminho, o pensamento dialético, para Adorno, fomenta uma “rebelião da experiência contra o empirismo”, contrapondo-se ao risco do ideal científico oficial escamotear a experiência. O autor acrescenta que a sociologia depende da permanência dessa experiência em contato próximo com os fatos, não de forma destacada e exterior a eles, constituindo-se, assim, como uma experiência viva.



As análises da teoria crítica sobre a sociologia e a experiência na sociedade contemporânea apontam muitos elementos sobre os desafios da construção do conhecimento sociológico. A ênfase na reconstrução do fio com o passado reforça a importância dos pensadores clássicos, convergindo com Jeffrey Alexander (1999), quando este autor diferencia a sociologia das ciências naturais, apontando nos clássicos o papel de “integrar o campo do discurso teórico” e de criar um “ponto de referência comum” para o desenvolvimento do conhecimento sociológico.

Sabe-se das diferenças existentes entre os pensadores do círculo intelectual da Escola de Frankfurt, e também das lacunas de suas teorias, apontadas por vários esforços de pesquisa, inclusive por seus sucessores, como Jürgen Habermas e Axel Honneth. Entre as críticas, são apontadas as limitações geradas pela negação, principalmente por parte de Adorno e Max Horkheimer, do processo civilizatório de ampliação das liberdades jurídicas e do escopo da ação individual, e também da importância da comunicação política entre grupos sociais. Essa

releitura crítica, na visão de Honneth (1999, p. 504), “retirou do velho projeto uma parte do seu fascínio inicial e moldou-o numa abordagem realista aberta à verificação”).

Frente a esse diagnóstico crítico à própria teoria crítica da sociedade, encontramos na formulação de Benjamin possíveis caminhos renovadores para a análise da sociedade. Formulações que, inclusive, como aponta Honneth, não foram à época reconhecidas pelo “círculo interno” da Escola de Frankfurt e se constituem, para ele, as “suas pesquisas sociologicamente mais produtivas”. Como destaca Honneth (1999), Benjamin foi um dos raros pensadores independentes do século XX, e apesar de ter estabelecido relações com a chamada Escola de Frankfurt e ser considerado como um de seus membros secundários, teve com ela uma relação bastante conflituosa, especialmente com os seus mais destacados integrantes. Também segundo Honneth, a teoria de Benjamin foi, juntamente com outros teóricos do círculo mais externo da Escola, em parte resgatada na revisão da teoria crítica empreendida por Habermas, que, por sua vez, gerou desdobramentos bastante divergentes, o que extrapola os debates propostos para esse artigo.

De todo modo, a permanente postura alerta e crítica, que faz com que a teoria crítica se proponha a estar “sempre ciente de seu contexto social de origem, assim como do seu contexto de aplicação prática” (HONNETH, 1999, p. 509), aponta orientações e preocupações ético-políticas à sociologia. Sobre elas, destaca-se, em especial, no pensamento de Benjamin, a abertura aos possíveis do passado e do presente e a relevância à experiência e ao seu sentido social e coletivo.

Conforme destaca Honneth (1999), Benjamin superou os limites funcionalistas dos horizontes dos referenciais filosóficos da teoria crítica, presente em seu círculo dominante, na perspectiva da vida social integrada por um sistema de controle social administrativo e pelo conformismo individual. Diferentemente dessa perspectiva, Benjamin reconhecia que “os mundos experimentais de diferentes grupos e coletividades representam não tanto o simples material de dominação quanto as próprias forças logicamente independentes de que brota o movimento da vida social” (HONNETH, 1999, p. 532). Assim, o autor atribuía a faculdade de percepção criativa aos grupos oprimidos e depositava esperanças no potencial de imaginação coletiva e de politização da cultura.

Neste sentido, Benjamin desenvolveu o seu conceito de experiência. E o reconhecimento de sua atualidade e de seu potencial para a teoria crítica, no campo de debates sobre a construção do conhecimento sociológico na sociedade contemporânea, significa a reconstrução de um fio com o passado, que busca resgatar conceitos, formulações e experiências fundamentais, negligenciados pelas interpretações e pela história dominantes.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. *Introdução à sociologia*. São Paulo: UNESP, 2008.

_____. Sobre a lógica das Ciências Sociais. In: COHN, G. (Org.). *Theodor W. Adorno*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática, 1986.

ALEXANDER, Jeffrey. A importância dos clássicos. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I – Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Ática, 1985.

_____. *Obras Escolhidas II – Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Paris Capital do século XIX. In: KOTHE, F. (Org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1991.

COHN, Gabriel. Apresentação à edição brasileira. A sociologia como ciência impura. In: ADORNO, T. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

HONNETH, Axel. Teoria Crítica. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MARCUSE, Herbert. Sobre o conceito de negação na dialética. In: MARCUSE, H. *Ideias sobre uma Teoria Crítica da Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.